

---

## UM ESTRANHO ALGODÃO

**Mesmo que fosse um “recurso odioso”, como disse Merivale, a escravidão foi uma instituição econômica de primeira importância. Tinha sido a base da economia grega e erguera o Império Romano. Nos tempos modernos, forneceu o açúcar para as xícaras de chá e café do mundo ocidental. Produziu o algodão que foi a base do capitalismo moderno. Constituiu as ilhas do Caribe e as colônias do Sul dos Estados Unidos. Numa perspectiva histórica, a escravidão faz parte daquele quadro geral de tratamento cruel imposto às classes desfavorecidas, das rigorosas leis feudais e das impiedosas leis dos pobres, e da indiferença com que a classe capitalista em ascensão estava “começando a calcular a prosperidade em termos de libras esterlinas e [...] se acostumando com a ideia de sacrificar a vida humana ao deus do aumento da produção”.**

— Eric Williams, *Capitalismo e escravidão* (1944)

Nossa consciência política costuma se manifestar prematuramente. Talvez de maneira rudimentar, já no útero, mas com mais certeza no parquinho ou na mesa de jantar, ao ouvirmos as discussões políticas entre papai e mamãe. Entretanto, nós nunca desenvolvemos essa consciência por completo. Uma conhecida minha, de noventa e poucos anos, acena com a

cabeça para fora da janela, perguntando a si mesma: “Algum dia vou entender isso?”.

Ao longo do caminho, contudo, há revelações, algumas mais parecidas com armadilhas que com epifanias. Aprendemos que a história é, ao mesmo tempo, contingente e inesperadamente cumulativa — a merda se junta em uma pilha crescente —, mesmo que os caminhos que levam à convergência de determinadas circunstâncias nem sempre sejam claros (Wallace & Bergmann, 2010).

Por exemplo: como o agronegócio se tornou tão poderoso e assumiu essa forma? É como se um belo dia tivéssemos acordado e nos deparado com a agroindústria projetando seu queixo de pedra, nos desafiando a dar-lhe uma pancada ou cutucão — mais ou menos como o Velho da Montanha, uma antiga formação de granito nas Montanhas Cannon, em New Hampshire.<sup>167</sup>



Até que ponto devemos voltar ao passado, para começo de conversa?

Craig McClain<sup>168</sup> nos leva a cem milhões de anos atrás, no Período Cretáceo. Um mar tropical cobria grande parte do que hoje é o Sul dos Estados Unidos. Os esqueletos de carbonato dos plânctons que abundavam no litoral se acumularam como um giz alcalino e poroso, enriquecendo os solos que mais tarde se tornariam os mais produtivos condados de algodão de Mississippi, Alabama, Geórgia e Carolina do Sul.

Esses condados — o chamado Cinturão Negro, tanto pelo solo quanto pela cor da pele da população — também tiveram as

**167.** NEW HAMPSHIRE GEOLOGICAL SURVEY and the Old Man of the Mountain Legacy Fund. *The Geologic Story of the Old Man of the Mountain*. Disponível em: <http://des.nh.gov/organization/commissioner/gsu/documents/oldmanmtdisplay.pdf>.

**168.** “How presidential elections are impacted by a 100 million year old coastline”, *Deep Sea News*, 27 jun. 2012. Disponível em: <http://deepseanews.com/2012/06/how-presidential-elections-are-impacted-by-a-100-million-year-old-coastline/>.

maiores concentrações de pessoas escravizadas ao longo daquela antiga linha costeira. A região continua abrigando uma maioria negra, o que se comprova pela vitória de Barack Obama nesses condados em 2012, mesmo em meio a uma onda do candidato republicano Mitt Romney nos estados sulistas.

Walter Johnson sugere outros elementos fundamentais remanescentes no seu *River of Dark Dreams* [Rio de sonhos escuros], um dos melhores livros de 2013. Seja por meio da compra ou da violência direta, os Estados Unidos incorporaram centenas de milhões de acres a montante do Rio Mississippi, em Nova Orleans. Thomas Jefferson planejou a aquisição da Louisiana em 1803, avançando sobre os territórios franceses, por meio da consolidação de uma república de camponeses colonos, ainda não corrompidos pelo capital — o que atuaria como um sumidouro para enfraquecer e dispersar milhões de escravos insurrecionistas dos estados mais ao norte do Sul do país, já incorporados ao capital:

Entre 1820 e 1860, um milhão de pessoas foram vendidas “rio abaixo” por meio de um comércio interno de escravos, que, além do comércio rio abaixo, incluía um comércio costeiro (entre Norfolk e Nova Orleans, por exemplo) e um comércio terrestre (de Fayetteville, na Carolina do Norte, para Florence, no Alabama, por exemplo). A realocação e a transferência desse contingente para o cultivo de algodão — o principal setor da economia global emergente na primeira metade do século XIX — deram nova vida à escravidão nos Estados Unidos. (Johnson, 2013)

O *éthos* estadunidense — que antes temia a insurreição de escravos e, agora, mantém sua dominação por meio da morte de adolescentes negros — incubava o terror visceral que os brancos sentiam do revolucionário Haiti.

O ajuste espacial escravista ao longo do Rio Mississippi, contudo, provou ser mais do que uma projeção do poder imperial ou uma reorganização econômica (Charney, 2010). Representou

uma transformação sem precedentes da ecologia em economia de mercado:

A maior parte do algodão colhido pelos escravos no vale [do Mississippi] era da espécie Petit Gulf (*Gossypium barbadense*), uma linhagem híbrida desenvolvida em Rodney, no Mississippi, patenteada em 1820 e muito valorizada por ser “fácil de colher”. A hegemonia dessa planta sobre a paisagem do Reino do Algodão produziu uma simplificação radical da natureza e uma simplificação radical do ser humano: a redução da paisagem à plantação de algodão e do ser humano à sua “mão”. A monocultura de algodão despojou a terra de vegetação e destruiu sua fertilidade, tornando uma das regiões agrícolas mais ricas da Terra dependente do comércio de alimentos rio acima. (Johnson, 2013)

Esse estranho algodão — tão semelhante ao ancestral natural quanto um lobo se parece com um chihuahua — surgiu de uma convergência idiossincrática entre escravidão, ecologia, ciclos de cultivo e mercado e comércio globais:

O “mercado do algodão” [...] era, na realidade, uma rede de conexões materiais que se estendia do Mississippi e da Louisiana, de Manhattan e Lowell, até Manchester e Liverpool. O espaço econômico do mercado de algodão era definido por um conjunto de medidas padrão — mãos, libras, chibatadas, fardos e graus — que traduziam aspectos do processo material, da produção à venda.

Esse agroecossistema insustentável produziu repetidas crises materiais e conceituais em seu próprio sistema. Tais crises eram temporariamente “resolvidas” apenas por meio das quedas convenientes que geravam lucro a outras classes de vigaristas — do meio de transporte ou através de operações bancárias livres de regulação federal:

Superinvestimento em escravos [mas não em sua alimentação mais básica], superprodução de algodão e dependência excessiva de crédito tornaram os plantadores do vale vulneráveis ao tipo de crise que haviam experimentado durante a Depressão de 1837. O plantio de algodão fazia uso intensivo de capital, e a maior parte do dinheiro dos fazendeiros era investida nos escravos que trabalhavam na lavoura. Contavam com crédito [de Nova Orleans e de estados do Norte] para conseguir o dinheiro necessário para arcar com os custos anuais. E plantavam algodão para poder obter crédito. A situação deles — o fato de promoverem uma superacumulação em um único setor da economia — foi expressa em um ditado popular segundo o qual [os fazendeiros] “não fazem nada além de comprar negros para plantar algodão e cultivar algodão para comprar mais negros”.

À medida que o capital era investido na produção de algodão — sustentáculo principal da economia sulista —, seus retornos diminuía. Os proprietários de escravos tampouco foram capazes de encontrar uma saída fácil. Até os escravos tratados como tração animal, apartados de todos os membros da família, que haviam sido vendidos separadamente, provaram ser um peso estrutural.

O expansionismo de Thomas Jefferson, portanto, provou ser a única saída para o capitalismo. Novas terras, novo solo e novos sumidouros de escravos. Primeiro a Oeste e depois ao Sul. À época, o movimento abolicionista não era um mero contratempo metafísico, mas uma ameaça existencial. Johnson argumenta que, quando a passagem para o Oeste foi obstruída pela Lei Kansas-Nebraska,<sup>169</sup> os ideólogos dos proprietários de escravos

**169.** Lei de autoria do senador Stephen A. Douglas (1813-1861) aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos em 1854, que regia a colonização dos territórios que se tornariam os estados de Kansas e Nebraska, atribuindo aos colonos o direito de decidir sobre a legalidade da escravidão em suas terras. [N.E.]

— imagine um Charles Murray<sup>170</sup> de costeletas — passaram a aventar a possibilidade de conectar o Rio Mississippi à Amazônia, passando por Cuba e pela América Central.

Johnson retrata a intervenção militar na Nicarágua promovida por William Walker,<sup>171</sup> as desventuras cubanas de Narciso López<sup>172</sup> e as tentativas fracassadas de reabrir o comércio de escravos no Atlântico como iniciativas da escravidão para criar sua própria política externa. Globalização ou morte! A Guerra de Secessão (1861-1865) terminaria o trabalho.

Ainda que o modo de produção fosse lucrativo, seu crescimento relativo não conseguiu acompanhar o dinamismo do eixo Nordeste-Centro-Oeste, como explica Ann Markusen:

Cidades como Baltimore e Louisville se descolaram do modelo sulista, à medida que suas atividades manufatureiras e comerciais assumiam cada vez mais o modelo das cidades do Norte. Na década de 1850, tornou-se evidente que, se os fazendeiros sulistas não tivessem se aproveitado do poder político desproporcional por causa dos três quintos de provisões para cada um de seus quatro milhões de escravos, o poder político da classe dos fazendeiros em âmbito nacional teria desmantelado. (Markusen, 1987)

**170.** Charles Murray (1943), cientista político conservador estadunidense. [N.E.]

**171.** William Walker (1824-1860), mercenário estadunidense que organizou expedições militares à América Latina com a intenção de estabelecer colônias anglófonas sob seu comando. Em 1853, incursionou pelo México e controlou temporariamente as regiões de Sonora e Baixa Califórnia. Depois, invadiu a Nicarágua, assumindo a presidência do país entre 1856 e 1857, quando foi expulso. Em nova tentativa de controlar regiões da América Central, foi capturado e executado pelo governo de Honduras. [N.E.]

**172.** Narciso López (1797-1851), aventureiro venezuelano e general do Exército espanhol. Rompeu com a Coroa e, na década de 1850, organizou expedições para libertar Cuba da dominação de Madri a partir dos Estados Unidos — que apoiava a empreitada. Foi executado pelos espanhóis em Havana. [N.E.]

Nota-se, no entanto, que a agricultura escravista não morreu na Batalha de Columbus, a última da guerra civil estadunidense. De acordo com o que sugere a etnografia econômica de Johnson, muitas das principais inovações do agronegócio, tanto em termos tecnológicos quanto organizacionais, originaram-se no sistema escravista — 150 anos antes do uso do arsênico na indústria dos cosméticos<sup>173</sup> ou da descoberta do hormônio estradiol (Thompson *et al.*, 2008).



Antes de tudo, como os maiores proprietários de escravos do Vale do Mississippi obtiveram suas terras? A intervenção precoce dos Estados Unidos — seja pela pólvora, seja por decretos — garantiu até mesmo aos agricultores mais pobres do Leste o acesso a milhões de acres ao longo do Mississippi, transformando, como escreve Johnson (2013), “terras indígenas em fazendas brancas, e conquista em cultivo: império em igualdade”.

Mas os mais ricos manipularam ideais ainda mais grotescos.

Os topógrafos contratados pelo General Land Office [Departamento de terras] subdividiram a paisagem em retângulos de 160 acres [65 hectares], ainda hoje visíveis do espaço.<sup>174</sup> A expropriação foi manifestada como uma necessidade intelectual. A raça branca deveria trazer ordem à natureza por princípios pseudocientíficos hoje ultrapassados, mas presentes em todas as subsequentes empreitadas racionalizadas de apropriação de terras, tanto domésticas quanto no exterior.

**173.** “Some Arsenic with that Supermarket Chicken?”, *Mother Jones*, 11 jun. 2011 (2011b). Disponível em: <http://www.motherjones.com/tom-philpott/2011/06/arsenic-chicken-fda-roxarsone-pfizer>.

**174.** CARLOWICZ, M. “Morganza Floodway After Five Days of Flow”, *Visible Earth*, Nasa, 2011. Disponível em: <http://visibleearth.nasa.gov/view.php?id=50659>. Veja as fazendas do lado superior direito do Rio Mississippi em: [http://eoimages.gsfc.nasa.gov/images/imagerecords/50000/50659/morganza\\_ast\\_2011138\\_lrg.jpg](http://eoimages.gsfc.nasa.gov/images/imagerecords/50000/50659/morganza_ast_2011138_lrg.jpg).

Em um esforço para atualizar a figura idealizada do camponês de Jefferson, os fazendeiros que haviam adicionado “melhorias” às suas terras no intervalo entre a topografia e a venda obtiveram seus lotes por um preço mínimo (com o risco de sofrer uma hipoteca pelo governo federal caso a terra, agora melhorada, não fosse comprada dentro de um ano).

Como na Rússia pós-soviética e na China<sup>175</sup> de hoje, a ameaça gerou um mercado no qual os agricultores mais pobres, incapazes de arcar com as parcelas anuais, passaram a vender seus lotes antes mesmo do leilão oficial (Allina-Pisano, 2008). Dessa maneira, os agricultores mais ricos arremataram — e combinaram — as melhores terras ao longo dos afluentes ou nas cercanias das cidades.

Os mais ricos também eram os únicos que dispunham de mão de obra barata o suficiente — brancos pobres e escravos negros — para elevar o preço das parcelas, “zombando da equivalência entre terra e trabalho na qual a lei se baseava”.

■

Então, a produção latifundiária de algodão resolveu fazer uma visita.

Da mesma forma que os peitos inchados das galinhas de hoje, os atributos do algodão Petit Gulf eram tanto econômicos quanto biológicos (Wallace, 2011a). Johnson relata que suas longas fibras eram mais adequadas à fabricação de tecidos, e o tamanho e o formato da planta, por sua vez, haviam sido selecionados para facilitar a colheita por catadores escravizados, atingindo a média de duzentas libras [noventa quilos] por dia.

Os proprietários de escravos, ao fundir terra e trabalhador, calculavam a produção de algodão em fardos por mão. Os próprios escravos eram chamados de “mãos”; as amas de leite, “meias mãos”; as crianças, “quartos de mão”:

**175.** “Hints of Discord on Land Reform in China”, *New York Times*, 15 out. 2008. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/10/16/world/asia/16china.html>.



A medida tanto do cultivo quanto dos escravos de acordo com a “mão” era uma prática ao mesmo tempo ecológica e econômica — uma tentativa de regular o intercâmbio entre escravos e solo prescrevendo medidas de referência para o processo pelo qual a capacidade humana e a fertilidade da terra eram metabolizadas no capital. (Johnson, 2013)

A qualidade do solo foi transubstanciada em uma métrica anual estreita: produção por acre. Em conjunto, as medidas produziam uma matriz logística familiar a muitos estudantes de MBA:

O algodão iria florescer cedo e carregado o suficiente para manter as mãos ocupadas durante a colheita? Haveria mãos suficientes para cuidar de todos os acres que haviam sido plantados, ou o algodão acabaria sufocado pela grama e soprado ao vento antes que pudesse ser colhido?

As respostas foram encontradas, em parte, nas inovações em gestão do trabalho introduzidas pelos proprietários de escravos, muitas delas mantidas até hoje.

Quando os supervisores, do alto de seus cavalos, ou a senhora, olhando da casa-grande, identificavam alguma transgressão, a disciplina era aplicada de acordo com uma escala de “erros”. Claro que estamos falando aqui do açoite, mas o local de trabalho panóptico, sustentado por punições e humilhações gradativas, garantia que o trabalho acontecesse no lugar e no tempo apropriados, um ponto crítico para a exploração da produtividade.

“Vinte e cinco [chibatadas]”, lembra o ex-escravizado Solomon Northup, em sua biografia *Doze anos de escravidão*,

quando uma folha seca ou pedaço de capulho é encontrado no algodão ou quando um galho é quebrado no campo; a penalidade para faltas do nível acima é de cinquenta chibatadas; a penalidade de cem chibatadas é reservada para transgressões de nível severo: tal é o caso diante da ofensa de ficar ocioso no campo de trabalho. (Johnson, 2013; Northup, 2012 [1853])

Tal como hoje, o trabalho carrega em si a disciplina, a ameaça e a punição em uma só mensagem. Quando um imigrante que trabalha em uma fábrica de processamento de carnes perde a mão, a expectativa de que a linha de produção seja retomada prontamente é mais do que um código indicativo de que qualquer trabalhador é substituível; é a declaração de que não passa de um pedaço de carne, assim como o bife que ele ou ela acabou de cortar. Segundo Johnson, essa equivalência era algo que os proprietários de escravos faziam questão de tornar bastante explícita, o tempo todo.

A disciplina da escravidão era aplicada também fora da fazenda. Northup, em citação de Johnson, diz que “um escravo nunca leva sua cesta até o galpão onde o algodão é descascado com outro sentimento que não o medo”. Se as cotas de algodão fossem curtas, ele sofreria o açoitamento em grau “apropriado”, o que Johnson identifica como uma métrica de produção:

A classificação do algodão introduziu os padrões de troca [de Lowell a Manchester] no cálculo da disciplina do trabalho na Louisiana, pois a qualidade dependia da rapidez e do cuidado com que uma colheita era realizada e processada. (Johnson, 2013)

Fora das fazendas, qualquer um que fosse pego ajudando um escravo a fugir de seu senhor recebia uma punição severa junto com o escravo. Em nossos dias, leis do agronegócio chamadas *ag-gags*, aprovadas recentemente ou em discussão em dezesseis estados dos Estados Unidos, proíbem a filmagem de abusos de animais em fazendas industriais (nota-se que não há qualquer menção aos abusos contra trabalhadores), estendendo, assim, as regras da fábrica à população em geral.<sup>176</sup>

■

**176.** “Gagged by Big Ag”, *Mother Jones*, jul./ago. 2013. Disponível em: <http://www.motherjones.com/environment/2013/06/ag-gag-laws-mowmar-farms?page=2>.

Apesar da produção a todo vapor em um dos solos mais férteis do mundo, o Vale do Baixo Mississippi era incapaz de alimentar a sua população,<sup>177</sup> como atesta o estado de Iowa. O vale produzia uma única cultura para exportação. Johnson relata que, à época, era necessário trazer trigo, milho e carne bovina do Centro-Oeste do país.

Alguns proprietários de escravos “esclarecidos” — pense em Michael Pollan usando uma gravata de caubói — lamentavam a inexistência de uma escravidão ecologicamente integrada, capaz de reparar a lacuna metabólica entre o solo e a economia (Foster, Clark & York, 2010). Alguns desses “progressistas” cultivavam milho para alimentar gado e porcos das plantações, mas, como hoje, a feroz concorrência por terras, especialmente durante crises econômicas, sempre acaba por acentuar a importância das culturas que dão dinheiro.

Enquanto isso, os escravos eram os que mais sofriam com os esforços para controlar as importações de alimentos. “Um alqueire de batatas”, Johnson cita o *Manual do plantador de algodão*,

ou dez quartos farinha de milho, ou oito quartos de arroz e quatro quartos de ervilhas, carne fresca eventualmente, vinte barris de peixe salgado e dois barris de melão durante o ano. Número de pessoas: 170. (Johnson, 2013)

O fornecimento de mantimentos dependia mais das margens de custo do que da nutrição dos escravos. Por fim, a alimentação também se mostrou uma excelente forma de disciplina e muitos senhores vigiavam atentamente as calorias que seus escravos consumiam, testando, assim, os limites entre a desnutrição, a reprodução do trabalho e a insurreição.

Na realidade, escreve Johnson, o cultivo de algodão não comestível provou ser parte da infraestrutura penitenciária, embora sem o conhecimento dos proprietários mais cruéis: ao

**177.** “Conventional vs. Organic: An Ag Secretary Race to Watch”, *The Atlantic*, 27 out. 2010.

forçar os escravos a subsistir fora da plantação e permitir que procurassem comida nas matas próximas, talvez eles descobrissem um meio de escapar.

Os proprietários de escravos mais “liberais” — pense na Fundação Bill & Melinda Gates — viam a carne bovina importada mais como perda de esterco para suas terras do que como comida para escravos, embora aqueles que chegaram a produzir gado nas fazendas locais se enfurecessem quando escravos roubavam carne para complementar suas próprias dietas — como se roubar dos senhores de escravos que os maltratavam e os faziam passar fome pudesse ser considerado um crime.

Outros senhores de escravos tentaram intensificar suas operações alimentando seus escravos com óleo de algodão, o que causava feridas purulentas pelo corpo, segundo relato do escravo fugitivo John Brown, citado por Johnson.

Generalizou-se uma miopia progressiva. Johnson escreve que M. W. Phillips — um David Quammen<sup>178</sup> com a barba um pouquinho maior — criticava a catástrofe ecológica em curso nas plantações de algodão, mas apenas no que dizia respeito à economia perversa do sistema. Ele contabilizava fluxos de energia e fertilidade, o que incluía seus próprios escravos, como se os filhos deles fossem seus. Phillips, pensando na sustentabilidade do sistema,

argumentava que a escravidão do Sul precisava diminuir a velocidade de conversão de seres humanos em algodoeiros. Ele queria ajustar o metabolismo da antropofagia social. (Johnson, 2013; Wallace, 2013)

Por todo lado, a escravidão tornou-se o seu próprio pressuposto, transformando hediondas compulsões em necessidade escatológica. “Os africanos”, como escreve o notório médico Samuel

**178.** David Quammen (1948), escritor estadunidense. [N.E.]

Cartwright, em meio a suas elucubrações sobre drapetomania<sup>179</sup> e suas leituras de espirômetros, “morrerão de fome antes de se engajarem em um sistema regular de trabalho agrícola, a menos que compelidos pela vontade mais forte do homem branco.”

Não é necessário recapitular a filogenia racista, de Cuvier<sup>180</sup> a Buffon.<sup>181</sup> Para Johnson (2013), a metafísica aqui, voltando-se repetidamente à agricultura e à pecuária, é de origem ecológica:

A ordem agrícola da paisagem, a ordem permanente da escravidão, a ordem natural das raças e a ordem divina do domínio terrestre não podiam ser pensadas em separado [...] eram aspectos fractais um do outro.

Tudo parecia correr graciosamente, não fossem o mero detalhe do assassinato de milhões de africanos durante e após a travessia do Atlântico e o fato de muitos avanços importantes na produção e na implementação do algodão — incluindo a seleção de sementes, a classificação do algodão e talvez até o descaroçador de Eli Whitney — terem sido inventados por escravos negros, cujas ideias os proprietários de escravos reivindicavam para si (uma apropriação cultural que, segundo nos mostra a festa racista organizada por Paula Deen,<sup>182</sup> se estende ao coração da culinária sulista).<sup>183</sup>

**179.** Cunhado por Samuel Cartwright em 1851, o termo designava uma possível doença mental que provocaria, nos negros escravizados, o impulso de fugir das condições que lhes eram impostas. [N.E.]

**180.** Georges Cuvier (1769-1832), naturalista e zoologista francês. [N.E.]

**181.** Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), naturalista e matemático francês. [N.E.]

**182.** Paula Deen (1947), apresentadora de programas de culinária na TV estadunidense, dona de restaurantes e autora de quinze livros de receitas. [N.E.]

**183.** “Paula Deen Racist Comments, Use of N-Word Allegedly Caught on Video”, *Huffington Post*, 21 jun. 2013. Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/2013/06/19/paula-deen-racist-comments-n-word-caught-on-video\\_n\\_3467287.html](http://www.huffingtonpost.com/2013/06/19/paula-deen-racist-comments-n-word-caught-on-video_n_3467287.html); “An Open Letter to Paula

Johnson (2013) registra a seguinte observação de Frederick Law Olmsted:

há sempre à mão [...] algum negro que realmente administra a fazenda de seu dono, e seu conhecimento sobre a produção é sempre superior ao de qualquer supervisor ou fazendeiro no país.

Como resultado, escreve o autor, ficamos diante da contradição do proprietário de escravos

entre não conhecer e reivindicar o conhecimento expresso ao longo da conjuntura do insondável e do incompreensível — a experiência vivida dos escravos — e os esforços dos fazendeiros para explicar o que eles mesmos conheciam apenas em parte. E, assim, os senhores do Reino do Algodão deixaram para trás “explicações” ilegíveis da origem da própria prosperidade.

A experiência — real ou simulada — não pode proteger um sistema ecológico que, antes de tudo, se baseia na produção de dinheiro.

Johnson descreve como, antes da Guerra de Secessão, a homogeneização genética e a produção intensiva expuseram o algodão aos mesmos danos que ainda atingem monoculturas e organismos geneticamente modificados, como ferrugem, fungos e vermes. O curto horizonte de tempo imposto pelos pagamentos da dívida induziu os proprietários de escravos a plantar algodão ao longo do eixo Leste-Oeste para maximizar a exposição ao sol, ignorando a inclinação do terreno e drenando os lençóis freáticos subjacentes em um período entre dez e quinze anos após o cultivo inicial. Tal como em nossos dias, o rápido uso da água ajudou a erodir a camada superficial do solo para dentro do rio.

Ao transportar algodão, os poderosos barcos a vapor (que Johnson descreve como uma visão quase miraculosa) causaram

Deen”, *Afroculinaria*, 25 jun. 2013. Disponível em: <http://afroculinaria.com/2013/06/25/an-open-letter-to-paula-deen/>.

sua própria ruína. As florestas ribeirinhas foram desmatadas para fornecer combustível; como resultado, as margens foram destruídas, os meandros dos rios aumentaram e mais sedimentos foram despejados na água, rasgando os cascos dos barcos. Com tantas embarcações competindo pelo transporte em quase todos os afluentes, as companhias passaram a instalar caldeiras de alta pressão para impulsionar os barcos mais rapidamente, sobre os bancos de areia e contra o relógio: motores que também apresentavam maior probabilidade de explodir.

A mágica de Johnson reside em conectar essas falhas estruturais à narrativa gloriosa da exploração. A morte e a destruição foram esculpidas sobre a fundação cultural:

O poder do vapor tornou-se, de acordo com esses relatos, uma espécie de álibi para o imperialismo e para a desapropriação: um *deus ex machina* que alterou o terreno da conquista para adequá-lo a uma escala de ação além da política e da guerra. Esse conceito ganhou um terrível correlato histórico quando o barco a vapor *Monmouth*, apinhado de índios creek expulsos de sua terra natal, explodiu cerca de trinta quilômetros ao norte de Baton Rouge, matando centenas a bordo. O sublime barco a vapor rebatizou expropriação e extermínio como “tempo” e “tecnologia”.

O desastre principal está, no entanto, no modo como os circuitos globais do capital conduziram a agricultura escravista. Johnson atravessa a discussão sobre as relações entre escravidão e capitalismo mudando de direção: o capitalismo do século XIX só poderia existir em virtude da escravidão na América. O trabalho a um custo tão baixo, por exemplo, diminuiu os salários em toda parte, mesmo nos países radicalmente abolicionistas da Europa.

Havia, contudo, outros mecanismos.

Ao apoiar-se em empréstimos de Nova Orleans e, eventualmente, de Nova York, o Rei Algodão abdicou de seu controle. Para desgosto dos sulistas, os fazendeiros passaram a exportar seus produtos antes de saldar as dívidas, fazendo de Nova York

e seus bancos o porto principal da exportação para Liverpool e Manchester: “A distância era medida em dólares, não em milhas”.

O ciclo da dívida alinhou a agricultura à rotação de capital, não à produção de alimentos ou tecidos (e, menos ainda, à sustentabilidade). As colheitas virtuais — pagamentos anuais da dívida, alguns transformados em pacotes de derivativos — superavam as colheitas reais nas quais se baseavam, em geral bem antes do plantio da estação:

O capital entrou no Vale do Mississippi nos meses de inverno, quando o algodão era vendido. Quando a colheita chegava ao mercado em Nova Orleans, os comerciantes de algodão, que muitas vezes eram agentes de bancos comerciais sediados em Nova York ou Liverpool, [...] forneciam adiantamentos para vendas futuras. Em troca de emprestar dinheiro aos agentes (e, portanto, aos fazendeiros) durante o tempo que as colheitas levavam para chegar ao mercado, tais comerciantes de algodão e seus financiadores recebiam o direito de vendê-las em consignação, ganhando assim a comissão e, talvez, no caso das empresas maiores, o direito de embarcá-las em seus próprios navios.

O capital também fluiu por meio de adiantamentos e futuros, o investimento que fornecia liquidez aos fazendeiros para pagar por suprimentos e serviços durante o ano. Embora suavizasse os saltos espaçotemporais no caixa disponível, também empurrava o risco para o final da produção e separava as finanças da mercadoria de origem que a sustentava. Isso tornou todo o aparato financeiro cada vez mais instável, propenso a bolhas e pânico.

■

Johnson descreve que secas, pragas e outros riscos naturais inerentes ao ciclo de plantio já discutidos aqui (e cujas razões, nesse tipo de agricultura, são profundamente antropogênicas) levaram muitos agricultores endividados à falência. Mesmo uma boa colheita pode não ser boa o suficiente se não tiver sido entregue a tempo para a satisfação de seus credores.



Em outras palavras, de acordo com Johnson, a safra do algodão se transformou em *commodity*, com responsabilidades — comercialização, valor monetário e fungibilidade — muito além de suas qualidades como matéria-prima para tecidos. Seu preço flutuante ao longo das estações e circunstâncias o transformou em um objeto de especulação no mercado. Façam suas apostas no abatedouro.

O grande mercado colocou agentes locais em oposição direta aos fazendeiros para quem prestavam serviços. Transportadores e credores traficavam grandes volumes de produtos e, tal como os banqueiros de hoje, apostavam contra (ou simplesmente passavam para trás) seus próprios clientes, ausentes no momento da venda do algodão:

Eles registravam em seus caixas vendas a preços mais baixos do que de fato haviam realizado; ou pagavam um quarto de centavo extra por libra no primeiro carregamento da temporada, apenas para deduzir meio centavo nos carregamentos restantes, uma vez que tivessem cumprido a entrega. Eles dissimulavam a origem das mercadorias de suas propriedades e vendiam por meio de terceiros, adicionando assim uma comissão ao preço que eles mesmos haviam estipulado, ou definiam um preço mais alto pelos suprimentos para o fazendeiro enquanto recebiam subornos dos vendedores. Eles adicionavam comissões para negociar empréstimos sobre os quais já cobravam juros. (Johnson, 2013)<sup>184</sup>

Enquanto isso, os ricos locais também estavam sob pressão, vendendo a descoberto os fardos de um fazendeiro para pagar as dívidas de outro, por exemplo. Ou, em virtude de sua própria dependência em relação a determinados credores mais poderosos, eram forçados a vender dessa forma em vez de praticar os preços mais altos do mercado. Esse é apenas um resumo dos saques

**184.** “Revealed: Goldman Sachs ‘made fortune betting against clients’”, *The Guardian*, 24 abr. 2010. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2010/apr/25/goldman-sachs-senator-carl-levin>.

que acometiam as transações de algodão no caminho até Nova York e Liverpool.

Devido aos cronogramas de dívidas e das inescrupulosas comissões a que eram submetidos, os proprietários de escravos referiam-se a si mesmos como “escravos”, sem um pingão de ironia. Enquanto isso, os baixos retornos resultantes eram retirados dos escravos reais, castigados por, obviamente, não trabalhar o suficiente para atender à demanda exigida pelo mercado. Ou os membros de suas famílias eram vendidos separadamente para dar aos senhores uma quantia que possibilitasse temporariamente novos investimentos.

Podemos observar esquemas semelhantes em todo o capital agrícola de hoje.

A Shuanghui International Holdings, maior empresa de carnes da China, está finalizando a compra da Smithfield Foods,<sup>185</sup> a maior produtora de carne suína dos Estados Unidos — e, até pouco tempo, patrocinadora de Paula Deen. O acordo causou agitação entre as ONGs. A Food & Water Watch, em coalizão com vários outros grupos, emitiu uma nota pedindo ao governo dos Estados Unidos que rejeitasse a transação com base nos “riscos significativos de uma eventual aquisição da Smithfield pela Shuanghui para a segurança alimentar, os preços de alimentos aos consumidores, a inspeção sanitária, as fazendas e economias rurais dos Estados Unidos e a segurança nacional”.<sup>186</sup>

**185.** “Shuanghui International and Smithfield Foods Agree to Strategic Combination, Creating a Leading Global Pork Enterprise”, *Smithfield Foods*, 29 maio 2013. Disponível em: <https://www.smithfieldfoods.com/press-room/company-news/shuanghui-international-and-smithfield-foods-agree-to-strategic-combination-creating-a-leading-global-pork-enterprise>.

**186.** “Coalition of Farm, Consumer and Rural Organizations Urge Rejection of Smithfield Takeover”, *Food and Water Watch*, 9 jun. 2013. Disponível em: <http://www.foodandwaterwatch.org/pressreleases/coalition-of-farm-consumer-and-rural-organizations-urge-rejection-of-smithfield-takeover/>.

Vijay Prashad<sup>187</sup> classificou tais críticas como sinofóbicas, pois incorporam ao mesmo tempo a retração do capital e a impotência liberal diante do domínio corporativo sobre a economia dos Estados Unidos:

A Food & Water Watch reconhece que a Smithfield “já é o maior e pior produtor de bacon do mundo e controla cerca de um terço do suprimento de carne suína dos Estados Unidos, a maior parte criada em fazendas industriais”. No entanto, a Food & Water Watch acredita que precisa se manifestar para “proteger” o consumidor do grande e cruel Perigo Amarelo. Não faz sentido que o Comitê de Investimentos Estrangeiros [que ainda não revisou o acordo] seja um braço da política externa dos Estados Unidos, que já teve como alvos a Venezuela, os Estados árabes do Golfo (Dubai Ports) e os chineses. Os liberais estadunidenses têm um sério problema quando confundem anticapitalismo com xenofobia.

Os relatórios de Helena Bottemiller<sup>188</sup> sugerem inicialmente que a compra da Smithfield poderia até tornar a carne suína mais segura: “A China proíbe o uso da ractopamina, um controverso medicamento que promove o crescimento e é amplamente usado pelos pecuaristas dos Estados Unidos”. A produção para exportação, contudo, não impactaria necessariamente o mercado doméstico:

A indústria suinícola dos Estados Unidos, que vendeu mais de um quarto de seus produtos para o exterior no ano passado, agora está criando cadeias de suprimentos livres de ractopamina para obter maior acesso nos mercados estrangeiros e atender às demandas da Rússia e da China.

**187.** “The Case of Smithfield Pork”, *CounterPunch*, 3 jun. 2013. Disponível em: <http://www.counterpunch.org/2013/06/03/the-case-of-smithfield-pork/>.

**188.** “Big Pork Deal Comes amid Friction over Livestock Drug”, *Food & Environment Reporting Network*, 31 mai. 2013. Disponível em: <http://thefern.org/2013/05/big-pork-deal-comes-amid-friction-over-livestock-drug/>.

Tom Philpott também argumenta que a China está terceirizando a produção de carne para aliviar uma tríade de riscos ambientais que hoje afeta o país: falta de água, picos de poluição e escassez de terras.<sup>189</sup>

Lendo esses relatos sobre terras agrícolas abandonadas e pavimentadas, aquíferos drenados e lençóis freáticos poluídos, faz todo o sentido que uma empresa controlada pelo governo como a Shuanghui faça uma proposta de aquisição da Smithfield, o maior produtor mundial de carne suína. Destacando tais tendências, o *Financial Times* informou em junho que “a mudança para uma maior dependência de importações de alimentos pode ter implicações profundas nos mercados globais de alimentos, porque a demanda total da China por grãos é superior em relação ao tamanho dos mercados globalmente comercializados”.

Tudo isso é verdade. Contudo, a produção não é de exclusiva responsabilidade dos Estados-nação ou mesmo de suas empresas constituídas. Shefali Sharma, do Instituto de Agricultura e Política Comercial, corta esse nó górdio da seguinte maneira:

A aquisição da Smithfield expõe um fato grave, embora negligenciado: [a compradora] é uma empresa globalizada. Basta olhar para os acionistas da Shuanghui: CDH Investment, Goldman Sachs, New Horizon Capital, Kerry Group, Temasek e seu próprio grupo de funcionários. Como Peter Fuhrman, da China First Capital, afirma: “Não é uma empresa chinesa que está comprando a Smithfield. Uma empresa de fachada, com sede nas Ilhas Cayman, é que está”.<sup>190</sup>

**189.** “Is the U.S. about to Become One Big Factory Farm for China?”, *Mother Jones*, 29 mai. 2013. Disponível em: <http://www.motherjones.com/tom-philpott/2013/05/chinas-biggest-meat-c-swallows-us-pork-giant-smithfield>.

**190.** “‘Two Converging Rivers’: Understanding Shuanghui’s Acquisition of Smithfield”, *Think Forward*, 6 jun. 2013. Disponível em: <http://www.iatp>.

Tal visão é compartilhada por analistas chineses: “Para o colunista Deng Yuwen, o acordo ‘não é uma aquisição no exterior por uma empresa chinesa, mas uma consolidação do controle das finanças internacionais sobre a indústria e seus lucros’”.



Os primeiros sinais de uma cadeia global de alimentos podem ser encontrados no antigo espaço econômico escravista, em tensão constante com as fronteiras nacionais.

À medida que o abolicionismo, em suas variadas formas — que incluíam até mesmo objeções racistas de brancos pobres a escravos cada vez mais qualificados —, invadia a prerrogativa escravista, os proprietários de escravos passaram a buscar terras no exterior para estabelecer novas relações de mercado. O projeto favorece uma política externa independente ou, de acordo com informações diplomáticas dos Estados Unidos recentemente divulgadas pelo WikiLeaks, imposta ao governo central de Washington — uma fórmula perseguida pelo agronegócio até hoje (Wallace, 2012a). Cargill na Indonésia.<sup>191</sup> Smithfield no México (Wallace, 2009d). Monsanto na África.<sup>192</sup> Em alguns casos, em pleno século XXI, apoiando abertamente o trabalho infantil e a escravidão.<sup>193</sup> Supremacia branca com registro corporativo no estado de Delaware.

Em certo sentido, os arranjos reconciliam a discordância de longa data a respeito da natureza do lucro entre opiniões como a do geógrafo David Harvey (2004), que enfatiza a acumulação por

[org/blog/201306/%E2%80%9Ctwo-converging-rivers%E2%80%9D-understanding-shuanghui%E2%80%99s-acquisition-of-smithfield](http://org/blog/201306/%E2%80%9Ctwo-converging-rivers%E2%80%9D-understanding-shuanghui%E2%80%99s-acquisition-of-smithfield).

**191.** “Cargill’s not so Secret Expansion Plans in Indonesia”, *The Contributor*, 10 ago. 2012. Disponível em: <http://thecontributor.com/environment/cargill%E2%80%99s-not-so-secret-expansion-plans-indonesia>.

**192.** “How the U.S. Sold Africa to Multinationals like Monsanto, Cargill, DuPont, PepsiCo and others”, *AlterNet*, 23 mai. 2012. Disponível em: [http://www.alternet.org/story/155559/how\\_the\\_us\\_sold\\_africa\\_to\\_multinationals\\_like\\_monsanto,\\_cargill,\\_dupont,\\_pepsico\\_and\\_others](http://www.alternet.org/story/155559/how_the_us_sold_africa_to_multinationals_like_monsanto,_cargill,_dupont,_pepsico_and_others).

**193.** “Ivory Coast’s child labor behind chocolate”, *Global Post*, 28 jan. 2012.

espoliação, e a de marxistas tradicionais, que focam a exploração do trabalho. À semelhança da doutrina do destino manifesto,<sup>194</sup> o imperialismo anunciava, com a acumulação primitiva no exterior — ao exterminar os nativos ou proprietários de escravos dos países rivais —, o que a exploração do trabalho escravo completaria internamente.

Por outro lado, se o abolicionismo liberal refutou a expansão da escravidão (para a América Central e o Caribe, por exemplo), não o fez necessariamente por razões morais. De acordo com a citação que Johnson (2013) faz de Eric Williams (1944), as objeções britânicas eram uma máscara que encobria a intenção de enfraquecer o domínio estadunidense do mercado de algodão em favor dos rivais emergentes e dominados pelos britânicos: Egito e Índia.

Vemos na escravidão nos Estados Unidos (e em seus descendentes atuais no agronegócio) um impulso para a produção, para a eficiência, que surge menos dos aspectos agropecuários e mais da capacidade de transformar o poder político em acesso exclusivo aos recursos de outras pessoas.

Apesar dos salmos entoados ao livre-mercado, as potências agrícolas só obtêm êxito por causa da intervenção massiva do Estado, seja fazendo da escravidão a lei da terra, seja promovendo acordos de livre-comércio que ignoram salvaguardas nacionais. Os cultivos de organismos geneticamente modificados, qualquer que seja sua procedência técnica, têm pouco a ver com alimentação; são apenas um meio para que empresas de pesticidas transformem agricultores independentes em arrendatários presos a espirais de produção patenteadas.

**194.** Posição ideológica corrente no século XIX segundo a qual o povo dos Estados Unidos teria sido escolhido por Deus para comandar o mundo e, por isso, a vontade divina deveria se cumprir pela expansão do país para toda a América do Norte e regiões do Pacífico. A doutrina serviu como justificativa para iniciativas expansionistas estadunidenses, como a compra do Alasca (que pertencia à Rússia) e a anexação de territórios até então pertencentes ao México, como o estado do Texas, entre outros. [N.E.]

Dos lobistas de James D. B. DeBow, da African Labor Supply Associates, passando pelas falanges de William Walker patrocinadas por Cornelius Vanderbilt, chegando à Aliança pela Revolução Verde na África, de Bill Gates, sob a sombra da Monsanto,<sup>195</sup> tais aventureiros têm como objetivo externalizar contradições internas penalizando a sua reprodução social (Johnson, 2013). Tudo para o bem maior, é claro. O agronegócio que se alastra pelos mercados do exterior repete a falácia declinista do proprietário de escravos, segundo a qual o sistema reverterá supostas falhas na produção que ele próprio ajudou a impor.

“Reabrir o comércio de escravos [do Atlântico]”, diz Johnson (2013), parafraseando a posição do senhor de escravos,

seria a primeira causa em uma cadeia de eventos que poderia transformar territórios selvagens em terra produtiva, compensar o tempo perdido com melhorias e, assim, traçar no espaço e no tempo o curso natural da história da escravidão — ou, talvez com mais precisão, da história como escravidão.

Pode ser que Johnson também esteja se referindo à posição da Usaid sobre os organismos geneticamente modificados no Quênia (Wallace, 2012a).

■

Após a queda da escravidão e do conseqüente colapso nos preços da terra, a Guerra de Secessão reduziu os ativos do Sul a menos da metade do valor anterior ao conflito. “Na verdade”, escreve Ann Markusen (1987), ecoando uma versão estadunidense do regionalismo de Vladimir Lênin (1964 [1915]), “os principais ativos produtivos da economia sulista permaneceram no mesmo lugar: na terra e em uma enorme força de trabalho agrícola negra.”

Os esforços da Reconstrução para alterar radicalmente a economia política do Sul esbarraram na entrega de negros

**195.** “Why is the Gates Foundation investing in GM giant Monsanto?”, *The Guardian*, 29 set. 2010.

(e dos brancos mais pobres) ao arrendamento segregado e ao inquilinato. De dia, a supremacia branca governava por meios administrativos; à noite, por meio do terror.

A dívida foi transferida para os pequenos agricultores individuais. O capital dos proprietários de escravos foi transferido para confederações locais, algumas das quais se organizaram em conglomerados regionais, dando origem, após uma série de fusões, a algumas das empresas agrícolas mais conhecidas da atualidade. A dependência excessiva do algodão e seus danos ecológicos, entretanto, continuaram. Os avanços nas tecnologias de cultivo aumentaram a desigualdade na produção. Milhares de pequenos agricultores abandonaram suas propriedades. O Sul monocultural, cultivando dívidas a pagar, continuou incapaz de alimentar a si mesmo.

Monica Gisolfi (2006) rastreia o sistema de crédito por trás do Rei Algodão até meados do século XX, quando, com a Grande Depressão, as garantias sobre as colheitas foram reapropriadas a fim de pagar fazendeiros de algodão para criar galinhas:

Logo os franguinhos e as galinhas que antes corriam livres, considerados até então uma produção sazonal, foram renomeados como “frangos de corte”, agora criados o ano todo em galpões fechados sob condições rigorosamente reguladas. O que antes era o domínio de mulheres e crianças — que construíam galinheiros improvisados, liam sobre incubadeiras aquecidas artificialmente e sobre “galinhas de madeira” e eram devotas das agentes de demonstração doméstica<sup>196</sup> — passou às mãos dos homens das granjas, dos revendedores de ração, dos produtores

**196.** Os Home Demonstration Clubs foram uma iniciativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos muito populares nos anos 1940 e 1950. O objetivo era oferecer treinamento às mulheres das zonas rurais em temas como economia doméstica e liderança rural, além de lhes ensinar ofícios como jardinagem, costura e conservação de alimentos. Ao mesmo tempo, esses clubes serviam como uma rede de apoio entre mulheres. [N.E.]



de aves, das plantas de processamento de aves, dos produtores integrados, dos cientistas de aves e das corporações nacionais.

John W. Tyson, herdeiro do que se tornaria a Tyson Foods, transportava galinhas para grandes mercados do Centro-Oeste a partir de sua base em Springdale, no estado do Arkansas, antes de integrar de forma intensiva a produção de pintinhos e de ração.<sup>197</sup> A mudança de regime baseou-se tanto na liquidação do excedente de capital em um período estritamente regulamentado quanto na ecologia ou na culinária:

Os [credores] criaram pintinhos e alimentaram os agricultores. À época em que os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial, os comerciantes haviam estabelecido as bases do sistema integrado de produção agrícola [...]. Na década de 1950, a criação de aves domésticas, antes uma atividade marginal que protegia os agricultores das oscilações do mercado de algodão, havia se tornado a produção agrícola mais importante [do estado] da Geórgia. Os georgianos passaram a depender do frango da mesma maneira que seus ancestrais haviam dependido do algodão — uma dependência que gerou pobreza e endividamento. (Gisolfi, 2006)

E o modo de produção, apesar da intervenção do New Deal, permaneceu praticamente inalterado:

Ao fim da década de 1930, as demandas da agricultura industrializada começaram a avançar sobre os agricultores do interior. Eles perceberam que haviam negociado uma safra por outra. Com isso, os agricultores não puderam escapar dos seus credores nem resolver os problemas associados ao sistema de monocultura.

**197.** RIFFEL, B. E. “Poultry Industry”, *The Encyclopedia of Arkansas History & Culture*, 2014. Disponível em: <http://www.encyclopediaofarkansas.net/encyclopedia/entry-detail.aspx?entryID=2102>.

Depois que as aves substituíram o algodão como a fonte dominante da renda agrícola, ainda de acordo com Gisolfi, os problemas da monocultura intensiva voltaram a aparecer. Integradores em ascensão, contratando cada vez mais agricultores para criar lotes de galinhas em um modelo de conversão alimentar comandado pelo capital, tentaram proibir a criação de aves de quintal como forma de impedir que seus rebanhos comerciais fossem infectados por doenças circulantes. Uma suposta epizootiologia atribuída injustamente aos pequenos proprietários, ainda hoje (Wallace, 2010c).

Soluções para certos problemas podem se tornar novos problemas. O esterco que produtores de aves acreditaram que iriam finalmente ser capazes de reintroduzir nos solos abandonados da cotonicultura acabou por poluir rios e lagos, causando a morte em massa de peixes e originando surtos de doenças. Vemos, então, como sugere o rebuscado livro de Johnson, que, embora a modernização do Norte tenha mecanizado a agricultura — e, pelas ceifeiras e ferrovias, tenha alimentado as tropas da Guerra de Secessão de formas inacessíveis ao Sul —, o legado da escravidão permanece: exploração do trabalho, subsídios estatais, uma ecologia inconsequente e intrigas internacionais.

Por mais que tudo isso seja confuso até para um experiente nonagenário, legados não são, por definição, gravados em pedra. Ou talvez até sejam. O Velho da Montanha esculpido pelo recuo de uma geleira que remonta ao século VIII a.C., mencionado no início deste ensaio em alusão à inevitabilidade quase geológica do agronegócio, simplesmente desabou em maio de 2003.

***Farming Pathogens, 16 ago. 2013***

## ATUALIZAÇÃO

Pouco tempo depois de eu ter escrito sobre o comentário de Johnson a respeito do livro de Solomon Northup, a adaptação do diretor Steve McQueen de *Doze anos de escravidão* chegou aos cinemas — e, posteriormente, ganhou o Oscar em três categorias. O filme retrata, além da brutalidade hedionda da escravidão, o funcionamento das produções de algodão. Os castigos sofridos pelos escravos são retratados de acordo com o déficit de libras de algodão colhido. Os escravos são literalmente transformados em mercadoria, mesmo após sua venda inicial.

Ao mesmo tempo, Katie Johnston<sup>198</sup> escreveu um artigo para a revista *Forbes* sobre o projeto de livro de Caitlin C. Rosenthal, sua colega da Escola de Negócios da Universidade de Harvard. Ao revisar as práticas contábeis do século XIX, Rosenthal descobriu que os fazendeiros do Sul foram pioneiros em técnicas de gerenciamento hoje amplamente utilizadas nos negócios.<sup>199</sup> Como descreve Johnson (2013), os proprietários de escravos, antecipando o setor ferroviário, fizeram experimentos com unidades de produção, incluindo “fardos por mão”, demograficamente ponderados por gênero e idade.

Os senhores de escravos absenteístas, ao fazerem pela primeira vez a separação entre propriedade e administração, “incentivaram” o trabalho — se é que podemos usar esse termo para uma prática ocorrida sob a escravidão —, depreciaram os

**198.** “The Messy Link Between Slave Owners and Modern Management”, *Forbes*, 16 jan. 2013. Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/hbsworkingknowledge/2013/01/16/the-messy-link-between-slave-owners-and-modern-management/>.

**199.** “Plantations Practiced Modern Management”, *Harvard Business Review*, set. 2013. Disponível em: <https://hbr.org/2013/09/plantations-practiced-modern-management>.

trabalhadores ao longo do tempo, forçaram a migração deles através de diferentes empreendimentos e passaram a monitorar a saúde e a dieta de seus empregados:

Isso levou os proprietários a experimentar maneiras de aumentar o ritmo do trabalho, explica Rosenthal, como realizar concursos com pequenos prêmios em dinheiro para aqueles que colhessem mais algodão. Depois, era exigido que os vencedores passassem a colher tal quantia [mínima] de algodão a partir de então. Narrativas escravistas descrevem os dados utilizados para calcular a punição, equivalendo o número de chibatadas à quantidade de libras que não tinham sido colhidas.

Planos de incentivo semelhantes aparecem novamente nas fábricas do início do século XX, com os gerentes prometendo recompensas em dinheiro aos trabalhadores que atingissem determinadas metas de produção.

Também se empregavam incentivos para amenizar a reação sombria que aquele ambiente de exploração costumava inspirar:

Os fazendeiros também faziam uso de incentivos de grupo para encorajar a honestidade, distribuindo um barril de milho para cada “mão”, com a ressalva de que, se algo fosse roubado da fazenda e o ladrão não fosse encontrado, o dobro do valor daquele milho seria deduzido do prêmio de Natal de cada um deles. Penalidades coletivas seriam adotadas mais tarde por vendedores e empresas como a Singer Sewing Company, a fim de incentivar os trabalhadores a policiar uns aos outros.

“Se você tentasse fazer isso com um trabalhador do Norte [naquela época]”, diz Rosenthal à revista *Forbes*, “eles simplesmente iriam embora.” E agora tais práticas são a rotina do mundo dos negócios.